

A CASUALIDADE ILUSÓRIA DA GLOBALIZAÇÃO

*Rosemiro Pereira Leal**

SUMÁRIO: 1- Introdução - Globalização e Pós-Modernidade. 2- Estado Capitalista. 3- Tempo de Refletir. 4- Impossibilidade do passado e do presente. 5- Democracia, Liberalismo e Globalização. 6- Conclusões.

RESUMO

A globalização cria o fenômeno de uma economia mundial em padrões ideológicos que são vantajosos, como o capitalismo não é um fator de providência para as necessidades gerais de todos, mas instrumento (sistema de política social e concepções econômicas) de acumulação constante de lucros, se pode sentir personificado pelo processo e sofrer o choque da inserção no sistema econômico mundial (a Nova Ordem Econômica do capitalismo), até que eles estejam completamente ajustados aos pólos de hegemonia monetária e econômica.

ABSTRACT

Globalization creates the phenomenon of world economy in ideological patterns which are advantageous and, as the capitalism is not a factor of provision for everybody's total needs, but instrument (system of political social and economic ideas) of constant accumulation of profits, one can feel that are embodied by it suffer the shock of the insertion in the World Economic System (the new economic order of the capitalism), until they are completely adjusted to the poles of monetary and economic hegemony.

INTRODUÇÃO – GLOBALIZAÇÃO E PÓS-MODERNIDADE

Se colocada a temática da globalização em face da pós-modernidade, enfrenta-se um paradoxo tormentoso, porque globalização e pós-modernidade são conceitos antagônicos. Enquanto globalização busca, de modo bem orientado pelos grupos do capital hegemônico, a expansão equalizada de mercados cativos aos oligopólios explícitos ou disfarçados em grifes variadas, o movimento de pós-modernidade tem raízes na democratização de condutas pela formação de pontos de decisão coletiva na rede¹ das relações econômico-sociais.

* Doutor em Direito pela UFMG. Professor da Faculdade de Direito da UFMG. Advogado Militante.

¹ LYOTARD, Jean François. *The postmodern Condition*. Manchester: UP, 1984 – Tradução de Bennington e Brian Massumi.

Numa versão vulgar, concebe-se a globalização como fenômeno complexo e intrínseco à modernidade, manejado por supostas leis naturais de mercado que impulsionam a mecânica da sobrevivência humana em direções paradoxais² aleatórias. Entretanto, aqui já se imporia distinguir globalização e mundialização.

A globalização cria o fenômeno da mundialização da economia em padrões ideológicos que lhe são vantajosos e, como o capitalismo não é fator de provisão de necessidades totais para todos, mas instrumento (ideário) de constante acumulação de lucros, sente-se que, à medida que o capitalismo grassa pela globalização, as economias que são por ele encampadas sofrem o trauma da inserção no Sistema Econômico Mundial (a nova ordem Econômica do Capitalismo) até que se ajuste por completo aos polos de hegemonia monetária e econômica.

Portanto, a mundialização é que é penosa e não a globalização que tem em sua própria mídia e na dominação tecnológica os meios de conquista de mercados. Assim, os navios das expedições globalizadoras não singram os mares de verdade, mas as águas cerebrais dos povos. Faz-se necessária prévia aculturação pela desorganização dos países-alvo, às vezes por décadas, para facilitar o ingresso da onisciência do capitalismo. É como se fosse uma anestesia especial que, embora preservasse a atividade das pessoas, lhes retirasse a lucidez necessária para qualquer resistência à banalidade do consumismo.

Como já dizia A. Emanuel³, a primeira ordem da invasão capitalista é desorganizar a economia mundial e harmonizar a global, porque a economia global ainda não conseguiu fazer mercados à sua maneira em todo o globo terrestre (mundo), mas certamente deverá conseguir pelo que se vê da artilharia pesada de seus argumentos. Atualmente, na observação de Viviane Forrester⁴, estamos vivendo o **horror econômico**, isto é: o homem já não é imprescindível ao êxito do capitalismo.

A passagem da manufatura para a maquinofatura trouxe complicações deveras preocupantes para os teorizadores do sistema capitalista, porque, ao lado da cultura obcecante do lucro, torna-se estrutural para o capitalismo o aumento do consumo. Para obter consumidores é necessário distribuir renda e, para distribuir renda, é necessário empregar pessoas ou gerar atividades de ganho para as pessoas. Ora, se o capitalismo, para produzir, não precisa mais das pessoas (mão-de-obra), é claro que o sistema viveria uma encruzilhada aparentemente fatal se não fora o fato de ser o Estado capitalista o viabilizador do sistema. O Estado é que socializa o prejuízo dos capitalistas, repartindo-o para toda a nação (Keynes).

O ESTADO CAPITALISTA

O Estado capitalista é que assegura a sobrevivência do sistema. É um coágulo de fetiches e ficções para manter o povo distraído e enganado⁵. Se a dívida pública

2 NAISBITT, John. *Paradoxo Global*. Editora Campus: RJ, 1994.

3 EMMANUEL, A. *Lechange Inégal*. Paris, Maper, 1969.

4 FORRESTER, Viviane. Editora da UNESP, SP, 1997.

5 WARAT, Luis Alberto. *Introdução Geral ao Direito*. Fabris Editor, Porto Alegre, 1994.

umenta pela manutenção do Estado e dos favores que o Estado presta aos capitalistas, é só aumentar os impostos. Se os custos da produção dos capitalistas estiverem altos pelo alto preço dos insumos estrangeiros, é só aumentar o preço dos produtos. Se o consumo estiver baixo, seleciona-se o nível de consumidores que estejam no mesmo compartimento dos capitalistas, bastando que o Estado pague juros altos àqueles capitalistas que lhe comprem títulos da dívida pública. Com isso, os capitalistas não só ganham o que gastam⁶, pois, gastando, geram dinheiro para o Estado lhes pagar os rendimentos dos títulos estatais, como também não gastam tudo o que ganham do Estado, porque a remuneração que lhes paga o Estado está bem acima do que conseguem gastar para manter seus elevados padrões de vida.

Poder-se-ia perguntar agora o que fazer com a maioria incontável do povo não-capitalista excluído dos privilégios do sistema. É só aumentar a repressão e investir na cultura do riso e da punição: construir sambódromos, penitenciárias, reforçar o policiamento social, oferecer justiça rápida, distribuir cesta-básica, assistência social paternalista, incentivar doações, esmolas, filantropias e espaços de recreação para o povo, repartindo com o próprio povo a solução dos miseráveis problemas do povo.

Evidente que aqueles países já cativos da globalização pela dolarização direta ou indireta de suas economias e pela monitoração externa de seus destinos recebem ajudas para continuar desenvolvendo seus pesadelos e atuando segundo os programas das agências internacionais de empréstimos. Muitos não entendem por que tomar dinheiro emprestado, se temos uma máquina de fazer dinheiro nacional. É que, ao comprar a matéria-prima para tocar a indústria nacional que é toda movimentada por máquinas e componentes estrangeiros (vivemos pelo modelo alienígena), há de se pagar em moeda forte estrangeira, porque o vendedor não recebe moeda periférica.

Essa é a globalização que, ao criar mercados cativos, implanta mercados pela tecnologia que domina e só domina a tecnologia, porque investe em ensino. No capitalismo dominador, a única especialidade que não é totalmente mercantilizada é o ensino, porque dependem dele para preservarem a dominação. Nos países dominados, o ensino é simbólico ou dirigido, porque as nações dominadas não têm projetos de dominação ou só aprendem o que for útil e rentável aos dominadores.

TEMPO DE REFLETIR

Seria de indagar se atualmente é possível escapar da globalização. Vê-se que a empreitada não é fácil. Não temos um modelo alternativo exatamente por falta de capitais e principalmente porque os capitalistas conhecem bem os níveis de tolerância dos povos às aflições do sistema. As rebeliões são permitidas aos miserabilizados para que haja uma referência de desordem radical para aqueles que têm um desequilíbrio social relativo. O capitalismo já tem controle de seus mecanismos de funcionamento tolerável. Os sistemas que lhe opunham desabaram, ora porque eram mais opressores,

⁶ JAIME, Antônio e Gama Jardim. *A Macrodinâmica de Michael Kalecki*. Graal, Biblioteca de Economia, V, 10, RJ, 1984.

ora porque não resistiram às pressões capitalistas. O certo é que a humanidade ainda não conseguiu edificar um sistema jurídico-econômico-social que conciliasse os binômios pobre-rico, senhor-vassalo, privilegiado-desfavorecido, mas o que já se sabe é que a resolução da problemática humana não passa **exclusivamente** pelo progresso tecnológico.

É preciso avançar a reflexão no campo das ciências humanas, embora seja o homem um ente causticado pela estrutura do sistema desumano e alienante em que vive. Poderíamos dizer que o problema do homem não é de deficiência mental, mas estrutural do Sistema jurídico-econômico-social em que está inserido. É como estivéssemos mergulhados todos em água sem oxigênio. Precisamos reinventar a respiração mental, mesmo já asfixiados pela falta de caminhos. É preciso, em primeiro lugar, ter coragem para estudar, pensar, rebelar, viver, morrer, falar, escrever, dialogar, conversar, dizer e até para calar. É preciso perder o medo de ter medo. A alternativa para a globalização é, em primeiro lugar, a recusa da lógica avassaladora das sociedades globalizadas. É preciso construir outros paradigmas. Temos que inventar outra linguagem com novos conteúdos (Hobsbawm)⁷.

A IMPOSSIBILIDADE DO PASSADO E DO PRESENTE

Evidente que a globalização não traz o fim⁸ da história ou da ciência. Ao contrário, a globalização justifica novas trilhas do pensar e do existir, embora os ideólogos do capitalismo anunciem o fim da história como forma de colocar a humanidade na parede do tudo ou nada. O capitalismo é assim posto como última saída inteligente ao alcance do cérebro humano ou o antídoto da extinção da humanidade pela impossibilidade fatal de qualquer outro sistema econômico.

O que acontece é que, na sociedade contemporânea, pelo crescimento propositadamente desordenado das populações, o excedente populacional não utilizado pelo sistema capitalista cria estoques de mão-de-obra ociosa que, por estarem à espera de trabalho, funcionam como medida aviltante do **preço** mínimo da jornada de trabalho (salário) necessário à otimização (crescimento) constante dos lucros do capital investido. Esse aspecto, que é vital à exigência do capitalismo⁹, traz consigo o estigma macabro de que ao mundo é impossível evitar a miséria ou a escravidão explícita ou tácita. Torna-se, por isso, como artifício de ocultação das causas no capitalismo, necessário banalizar o dogma da desgraça, mitificando eventos jurídico-sócio-econômicos como responsáveis pela inevitabilidade do sofrimento das classes socialmente excluídas.

Na história linear ou das religiões, as desgraças são atribuídas aos fenômenos da história, esta como personagem mítica de condução dos homens, ou aos juízos de deus (ordálias). Atualmente, face à desmitificação da casualidade pelos estudos avançados da **causalidade** nos diversos ramos da Pesquisa Científica, o sistema

7 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. Cia das Letras, 2ª ed., SP, 1995

8 HORGAN, John. *O Fim da Ciência*. Cia das Letras, SP, 1998.

9 JAIME, Antônio e Gama Jardim - *Ob. cit.*

econômico mundial, para sua preservação em níveis de privilégios milenarmente sustentados, provoca fenômenos, emprestando-lhes conotações aleatórias pela teoria da técnica (**mídia**), como a **globalização**, a fim de, por um novo monstro hobbeseano, intimidar qualquer grau de resistência à caminhada do capitalismo.

Assim a estratégia do capitalismo é ocultar suas manobras de dominação dos povos num **lugar invisível** denominado “globalização”. E aqui não nos referimos ao **capitalismo** praticado pelas falsas democracias modernas, **mas** também ao Capitalismo de Estado pelos modelos leninistas, stalinistas, maoístas e do golpismo de direita ou esquerda ainda freqüente no mundo periférico.

Assim, a impossibilidade do passado e do presente, como exclusão do futuro em moldes que contrariem as diretrizes ideológicas do capitalismo, é esforço médico de anulação de qualquer alternativa de obstar a secularização do sistema capitalista. A tecnocultura da computação e dos meios televisivos é básica para confinar o mundo aos personagens criados pela **globalização**, como escoteira que arrasta atrás de si mesma o pelotão de signos, ícones e símbolos (figurativos ou matemáticos) do bem e do mal necessários ao progresso de uma humanidade que só interessa ao capitalismo pelos dividendos que possa produzir em prol do sistema.

A humanidade atingida pelos flagelos da **globalização** é a que deve, segundo o sistema, ser naturalmente dizimada para a seleção darwinista de uma outra humanidade que é a sobrevivente (forte, intrépida, celestialmente eleita, deificada) dos propalados **fenômenos casuais** do capitalismo. O capitalista convicto seria o personagem travestido de sertanejo de Euclides da Cunha – **antes** de tudo, um forte. Um vencedor, um batman, um hacker.

Portanto, a **globalização** é, na versão capitalista, o desafio necessário à seleção natural das espécies sobreviventes (Weber). Daí é que, até mesmo nas universidades, a globalização é estudada como fato inerente e inevitável à sociedade atual, sem que se explicita que a **sociedade atual**, como realidade pretendida, com seu grau de alienação e aculturação, é uma criação do capitalismo.

DEMOCRACIA, LIBERALISMO E GLOBALIZAÇÃO

O dilema **democracia-liberalismo** não pode ser encarado, como quer Bobbio¹⁰, como institutos de conteúdos aproximáveis que, se resolvidos em suas contradições básicas, tenham o condão de colocar a humanidade num caminho viabilizador da liberdade e dignidade para os homens, embora se reconheça a grandiosidade das reflexões de Bobbio para o crescimento da ciência humana na atualidade. É que o dilema não é, no imperialismo-global, liberalismo-democracia, **mas** democracia-capitalismo, porque o liberalismo é aliado congênito do capitalismo e a democracia é a inimiga capturada pelo capitalismo (estatal ou privado) e colocada a seu serviço.

10 BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. Editora Brasiliense, SP, 1995.

A **democracia** é uma categoria da Ciência Político-Jurídica construída a partir das lutas sociais dos desfavorecidos pelos sistemas opressores de dominação econômica, explícita ou tácita (estatal ou grupal). A **democracia** tem origem nos movimentos populares da luta pelos direitos da sobrevivência digna para todos os viventes. Entretanto, sua ideação, com a largueza teórica que hoje consideramos, é obra do **pensamento científico** e não da teoria do capitalismo que, muitas vezes, ao calar os cientistas a serviço bem remunerado do sistema, promove e mantém a democracia como refém imprescindível das versões retóricas que o capitalismo cultua e propala.

Se a **democracia** se afirmasse em suas bases legítimas de construção, que é o povo, a **globalização** seria submetida plebiscitariamente em suas linhas mestras ao povo constitucionalmente legitimado que se pronunciaria sobre os aspectos que poderiam ou não ser acolhidos, porque a **globalização**, como salientamos, não é um tufão que não tenha cara ou perfil, mas uma atividade estratégica e neguentrópica de desorganização pretendida das economias nacionais, ainda não econômica e culturalmente alinhadas, para a conquista de novos mercados em modelos compatíveis com a otimização do SEM (Sistema Econômico Mundial)¹¹ que tem suas raízes no SMI (Sistema Monetário Internacional) dos países que sustentam as hegemonias do capitalismo mundializador.

A festejada privatização de empresas estatais e paraestatais não se realiza para favorecer a situação de balanço (contábil-financeiro-fiscal) dos países que as promovem, porque nada mais significa do que a inserção consentida desses países nos modelos globalizantes como forma de mitigar a negociação de suas dívidas externas (reduzindo ou aumentando-as), sem sofrer sanções (represálias) das nações hegemônicas que hoje detêm tecnologias para destruírem o planeta pelos mais sofisticados meios possíveis. Diga-se até mesmo pela criação de um mundo virtual que, substituindo o mundo real, desloca a inteligência humana do sítio racional de suas contradições necessárias para o **plano idílico** da unanimidade sobre as maravilhas do sistema dominante.

Pode o sistema transmitir os massacres dos povos em todas as suas variáveis (fome, ignorância, corrupção, miséria, degradação, genocídio) pelas telas coloridas e acessíveis a todos os espectadores, mesclando tais cenas com os concursos de beleza, desfile de modas, corrida de carros, viagens siderais, esportes, documentários, descobertas no campo da física, química, biologia (transformando fatos em espetáculos), que tornam os flagelos do sistema brutal do liberalismo (**salve-se quem puder**) num item irrelevante do extenso discurso da apoteose tecnológica.

CONCLUSÕES

O estudo da **democracia**, como aquisição da Ciência Jurídico-Política, infelizmente não se faz, no atual sistema econômico dominante, pela problematização dos conceitos, mas pela prática do liberalismo econômico dominante que, assumindo várias acepções extraídas do seu exercício diário, inclusive da sinonímia das libertações,

11 MICHALET, Charles A. *O Capitalismo Mundial*, Editora Paz e Terra, RJ, 1984.

induz convicções de que a liberdade de escolha pelo voto, através de mandatários que nenhuma conta prestam aos seus mandantes, define a democracia em sua plenitude.

Vê-se que o instituto da **democracia** não é tema de debate popular, mas instrumento de manobra do Estado para simular a integração do povo a um todo social fictício¹². É mero discurso do Estado a serviço do sistema dominador e **não** uma conquista histórica que deveria ser refletida e continuamente aperfeiçoada pelo entendimento humano em seus espaços processuais de razão internormativa constante. Por isso é que não concebemos qualquer aproximação do liberalismo e democracia, porque, em apresentando conteúdos antagônicos, não se vislumbra realização de **democracia** pelo liberalismo em qualquer de suas formas engenhosas.

Resta-nos conjecturar um sistema jurídico-econômico-político democrático em bases ainda não atingidas pela humanidade e que se faz urgente e só alcançável pela abertura da discussão desses temas em todos os seguimentos da comunidade atual. Muitas Universidades, alardeando trabalhar em paradigmas de validade universal, atualmente se encolhem, em sua maioria, à acomodação curricular, como se o problema pertencesse aos universitários e não às Faculdades que seriam colecionadoras de idéias imortais e que nenhuma idéia mais teriam para manifestar.

Percebe-se que a **globalização**¹³, como fenômeno não casual, poderia ser esclarecido em patamares de lucidez teórica pela **reflexão democrática**¹⁴, jamais pelos seus aspectos benéficos ou nefastos que a fazem o **novo mito** incontrolável com o qual se defrontam hoje os simpósios acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. Editora Brasiliense, SP, 1995
- EMMANUEL, A. *L'échange Inégal*. Paris, Mapero, 1969.
- FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. Editora da UNESP, SP, 1997.
- HELLER, Hermann. *Teoria do Estado*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. Cia das Letras, 2ª ed., SP, 1995.
- HORGAN, John. *O Fim da Ciência*. Cia das Letras, SP, 1998.
- JAIME, Antônio e Gama Jardim. *A Macrodinâmica de Michael Kalecki*. Graal, Biblioteca de Economia, V, 10, RJ, 1984
- LEAL, Rosemiro Pereira. *Direito Econômico – Soberania e Mercado Mundial*. Editora Del-Rey, BH, 2005.
- _____. *Processo e Democracia*, Revista Eletrônica Virtuajus, www.pucminas.br, 2005.
- LYOTARD, Jean François. *The postmodern Condition*. Manchester: UP, 1984 – Tradução de Bennington e Brian Massumi.
- MICHALET, Charles A. *O Capitalismo Mundial*, Editora Paz e Terra, RJ, 1984.
- NAISBITT, John. *Paradoxo Global*. Editora Campus: RJ, 1994
- WARAT, Luis Alberto. *Introdução Geral ao Direito*. Fabris Editor, Porto Alegre, 1994.

12 HELLER, Hermann. *Teoria do Estado*. Editora Mestre Jou, SP, 1968.

13 LEAL, Rosemiro Pereira. *Direito Econômico. Soberania e Mercado Mundial*. Editora Del-Rey, BH, 2005

14 LEAL, Rosemiro Pereira. *Processo e Democracia*. Revista Eletrônica Virtuajus, www.pucminas.br, 2005

